

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACTOR PRINCIPAL—B. J. Senna Freitas, e colaboradores—Pinho Leal—Moreira Bello—D.^o Ozorio Guimarães—Augusto Semblano—Garrido e J. T.

2.^o ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 12500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 48, João F. Torres.

NUMERO 56

BRAGA

SABBADO 17 DE FEVEREIRO DE 1883

A RESTAURAÇÃO

A sociedade da revolução obedeceu talvez a um impulso incerto da razão e das consciencias.

As suas instituições foram a hybrida criação de um estado patológico do espirito, ou o espirito viciado n'um estado corrupto do coração.

As epochas que succedem com as grandes revoluções, assim como marcam esses periodos de decadencia ás sociedades humanas, assim lhes imprimem, nos traços de um extinto de conservação, as inspirações benéficas das grandes regenerações.

A sociedade da revolução chega ao periodo da sua reconstrução, por isso mesmo que chegou ao extremo da sua dissolução.

O filho prodigo volta a assentar-se á meza paterna. O problema que atormentava o nobre sentimento popular está resolvido pela força demonstrativa de uma necessidade impreterível.

Os povos querendo acolher-se á sombra das mais amplas liberdades, para d'ali assistirem ao derradeiro golpe sobre os destroços já rareados de um feudalismo quasi extinto, não mediram que as grandezas do golpe podia alcançar a sua propria liberdade, a sua fé e as suas tradições.

Vibrado o golpe sentiram em si a dôr; aberta a ferida viram verter o proprio sangue, e no progresso da gangrena cair pedacos o seu proprio ser.

A poesia da liberdade composera a estrophe magestosa da ode das commuções politicas, como uma vibração natural da alma de um seculo de progressos. Era o cantic nobre e puro das consciencias infantis, traduzido em ingentes abalos sem idéa nem gloria. Era a credulidade fanatica de um bem ephemero seduzindo as commuções de uma aspiração sem rumo e sem norte, e dominando o coração que sente, a alma que quer, os acontecimentos que ensinam, e o tempo que aconselha e promette.

A essas paixões solitarias a esse monologo tyrânico de uma opinião insensata; ao abatimento produzido pela lucha da convulsão nervosa das multidões, fatigadas na sua propria insanias, succede pois a fidelidade da razão pela justiça da consciencia; e a nova sociedade triumpho de si mesma, sobre as ruinas eternas do erro do passado, e as cinzas ainda quentes de uma epocha de aniquilamentos e desenganos.

Nega-o ainda a obstinação de uma idéa muribunda na palavra impia do orgulho impenitente; mas a face polida do remorso, o labio tremendo do terror dá á epocha que

se despede da vida, o aspecto horrendo dos grandes precitos.

Desenganemo-nos os povos chegaram á comprehensão plena da sua existencia e da sua missão. As nações que vem do passado brilhante, que cobrio de glorias o berço dos povos, e lhes constitua um nome, tem uma razão de si na razão poderosa da sua utilidade: como todas as cousas tem em si um valor intrinseco e essencial ao seu mesmo destino. Estas nações tem o sangue do passado pela sua historia, e o sangue do futuro pela sua missão.

E hão-de cumpril-a, por que os desenganos levam á unidade pela salvação commum, e na unidade está a estabilidade, na estabilidade está a ordem, na ordem está a liberdade, na liberdade está o poder, e n'estes elementos essenciaes á vida dos povos estão a civilização e o progresso, sua predestinação e seu fim.

Quando os olhos se abrem ás desillusões, quando os grandes males chegam a tocar o espirito recto e sensato das consciencias, o remedio é indicado pelo amor, pelo desejo e pelas necessidades. E se já se não podem encobrir evidencias ao intendmento, como quer o espirito dos interesses pessoaes propôr conveniencias á vontade popular?

Os erros do passado importam muito aos homens de hoje, mas o futuro não lhes importa menos. A revolução não passa da revolução. O futuro pertence ás sociedades, que não são a revolução por que carecem ser a ordem.

Mas como querem os philosophadores d'agora que o povo, que nasce tradicional, deixe de amar as suas tradições, de proferir, de voltar-se para ellas, para com ellas caminhar ás conquistas de amanhã?

Um dia foram os povos acordados pelo echo da voz sympathica e eloquentemente enganosa de Voltaire. A revolução olhou os thronos de Luiz XIV, de S. Fernando de D. João IV brilhantes de esplendores invejáveis, e cobiou até o caruncho dourado de seus alicerces. Vio, com o horror incutido, os dispostimos da gloria, quiz oppor-lhes as dictaduras philosophicas.—Vio as monarchias absolutas impôr-se pela soberania de uma lei sagrada na historia e nos direitos dos povos de hontem, e quiz constituir a soberania multiple dos tribunos, sustentada pela força bruta das massas, illuminada pelo clarão dos incendios, festejada no fragor das derrocadas.

No sollo banhado pelo sangue das luctas os povos illudidos plantaram pois a arvore da revolução com o falso nome da arvore da liberdade. Arvore de formosas folhagens, de adoríferas flores mas sem raizes. A duração do seu vicio e dos seus aromas devia ser curta. Reguem-lhe embora o sollo de apostrophes e de vanglorias, a arvore mirra-se, a arvore morre.

Em meio da Europa a França representa

na historia da revolução um papel providencial. Cincoenta annos a França, começando a sua transformação, inoculou o sangue irrequieto da sua actividade nas veias de todas as sociedades antigas. Vinte e cinco annos lhes impoz os seus exercitos e os seus triumphos; vinte e cinco annos lhes doutrinou as suas idéas. Pelas suas armas ella dominou os reis, pela sua palavra ella seduzio e dominou os povos. A França chegou como que a redigir a ordem do dia do pensamento universal, e os povos revolucionalisados e revolucionados escutaram aquella voz accataram aquelle dominio obedeceram aquella força, subjugarão-se aquelle exemplo. Palpitaram com ella, viveram com ella, sorriram dos seus sorrisos, tripudiaram nas suas orgias, aqueceram-se na sua febre, deliraram nos seus delirios que passavam de nação em nação por fronteiras invisíveis.

O seu fado está pois completo. A França de hontem, que é a França de hoje, tem de ser a França de amanhã.

A sua revolução foi o exemplo, a sua regeneração não o será menos. A França, periclitante em suas prodigalidades e em seus monstruosos attentados, solta o gemido de uma sublime agonia. Volve-se penitente para os ainda vivos esplendores de suas tradições seculares, e a ellas implora um recurso salvador.

Quanto mais dissimula mais se manifesta, quanto mais o nega mais o confirma. Henrique V não é para ella uma esperança que bruxuleia, é um acontecimento que se move, um astro que se levanta, um entusiasmo que domina, uma tradição que renasce, uma gloria que se encaminha um futuro que chega, uma epocha que principia, uma nação que surge do seu proprio sepulchro.

Que soldados pôz a Hespanha em suas fronteiras para não deixar passar para aquem dos Pyreneos a idea, a palavra, a sedução, o dominio, as loucuras, as devastações da revolução? E comtudo a Hespanha armada de exercitos, de potentados em redor da sua realza, forte pelas suas constituições seculares, e pelas suas ligações externas, sentio-se esmagada pela mão poderosa do colosso de 1793. Acordou como que surpreendida pelas ousadias d'essa medonha invasão, tremeu, vacillou e cabio, para ser arrastada, desde as comoções canabricas até aos crimes de Alcoy, por sobre as cem mil vicissitudes de uma quadra maldita.

Dizei pois com o orgulho da cegueira, com a vaidade de ignorancia, com a jactancia da paixão, que os exercitos de Alfonso XII serão mais fortes do que os de Carlos V, que as fronteiras da Hespanha de hoje são mais impenetráveis á idea, á reconquista, á influencia, ao espirito das reconstituições da França, do que o eram ás investidas do genio das revoluções. Dizei-o embora; não o pensaes. Nos traços d'essas

frontes que se enrugam, d'essas feições que se transmutam, existe um quê, denunciador da verdade, que vos brada alto no dominio recondito das consciencias.

Por que estranhaes o nosso movimento, a nossa attitud, as nossas esperanças, a nossa decisão, os nossos aggrupamentos, este aspecto precursor dos grandes acontecimentos, que dia a dia mais reforça a vida de um partido que julgaveis morto?

Estranhaes, e sorris de constrangida ironia! Interrogaes a nossa esperança, sem olhardes que se reflete n'essa interrogação a imagem de um terror que de balde se dissimula!

Um dia Bonaparte tambem interrogava Lemercier: «que tendes, que vos fazeis tão vermelho?» Lemercier respondia ao primeiro imperador da França, ao vencedor de cem batalhas, ao dominador das sociedades:—«que tendes vós, Senhor, que vos fazeis tão palido?!» Lemercier advinhava a queda da sua obra Camille, Bonaparte presentia Moscou, Waterloo e Santa-Helena.

Os presentimentos da revolução não se disfarçam pois. Se a sua ruina não tivesse de chegar a este extremo Occidental da península, não existiriam entre nós tantas faces lividas, tantos terrores, que mal se evitam e peor se mascaram.

Mas por que tremer? O problema formado pela ordem natural dos acontecimentos não carece para a sua solução, nem dos desastres que aterrorizam, nem das represalias que o transformariam.

O partido legitimista ha muito que diz o que é, e d'onde vem. O Rei já disse para onde vamos: «reconstruir uma sociedade em ruinas, aproveitando para essa reconstrução o bom de todos os tempos e o bom de todos campos.»

Não trema pois a puslanimidade de consciencias reprobas, que a epocha que se aproxima não vem por as mãos na garganta de uma geração, já falta de ar e de espaço, para lhe sufocar os ardores e as sympathias, em vez de lhe abrir as portas illuminadas do futuro ás fantasias da imaginação, e ás conquistas da alma, sobre a base solida do pensamento reflectido, e da virtude christã.

O Rei chega para unir a familia portugueza, para amar a todos e ser de todos amado, como o foram em melhores tempos os reis, que se fizeram grandes e illustres com a estreita união d'este povo brioso.

S. Francisco de Salles recebendo os servos de seu Páe, de pouco fallecido, mal podia augmentar tão consideravelmente os seus proprios servos, mas dizia:

«Estos quedau, porque tengo necessidad de ellos, y essotros quedau tambien, por que tienen necesidad de mi.»

O espirito de S. Francisco de Salles, por que é immortal, vive no espirito dos reis, quando sabem ser justos e grandes.

FOLHETIM

DISCRIPÇÃO GINIALOGICA DA FAMILIA

DOS

MEENDES ANTAS DE FIGUEIREDO

DA

VILLA DO VIMIOZO E SEUS RAMOS

(Continuado do n.º 52)

PRIMEIRO RAMO

João Mendes Antas, foi o que succedeu na caza e morgado, por fallecimento de seu pae, acima referido, e herdou tambem o fôro de fidalgo, e foi armado Cavalleiro no tempo em que reinava D. Felipe 1.^o, que mandou fazer a trasladação da Igreja ma-

triz da Villa do Vimioso, que antes era aonde lhe chamam hoje o *Calvario*, dando elle dito morgado o campo para o assento da nova Igreja, ajudando no decurso de vinte e cinco annos (que tanto foi o tempo que a obra durou) com um moço, carro e bois, e á dita Igreja uniu a Capella do seu morgado, com a invocação de Nossa Senhora da Conceição, que antes era da Magdalena. Foi casado com D. Catharina de Quinhones, do reino de Castella, de quem se ignora a sua naturalidade; só sim se sabe que era parenta dos Condes de Lucena, e que fora Dama do Paço da Imperatriz D. Izabel, filha d'el-rei D. Manuel, de Portugal; de cujo matrimonio tiveram D. Arcangella Mendes Antas. Desta successão adiante se fará mais larga menção e com melhor clareza,

em consequencia de se acharem novamente reetificados os padrões, Alvarás de mercezes e tenças que os senhores Reis lhe concederam em attenção aos serviços que lhe tinham feito tanto o mesmo João Mendes Antas, como seu pae e sogro; cujos titulos são os que se acham juntos ao Tombo original da casa.

Pelo primeiro padrão acha-se o Alvará fabricado em Lisboa aos 20 do mez de fevereiro de 1563 que el-rei D. Felipe 1.^o lhe fez mercê de o tomar por Moço de sua real Camara ao dito João Mendes Antas, que antigamente por antenomasia se appellidava Juannis Mendis, com 406 réis de moradia em cada mez e trez quartas de cevada por dia, attendendo aos serviços que seu pae o Dezembargador Gaspar Mendes Antas,

de quem se fallou o numero nove, lhe tinha feito no tempo em que foi Corregidor do crime na cidade do Porto; o que tudo melhor consta do mesmo Alvará assignado por sua real mão; e foi armado Cavalleiro na dita cidade de Lisboa na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, por Frei Luiz Alvares de Tavora, em 21 de março de 1564, com 20.000 réis de tença em cada anno, o que tambem consta do segundo Alvará. Foi casado, como já se disse, com D. Catharina de Quinhones ou Nunes, por ter ambos estes appellidos, a qual era filha de Francisco Fernandes e de sua mulher D. Igeez Fernandez, do reino de Castella, aquelle Copeiro-mór da senhora Infanta D. Maria.

(Continúa)

MAIS FAÇANHAS LIBERAES

José Joaquim Soares Ferreira, môço sympathico e bom, naturri da Villa de Angêja, interrompeu os seus estudos para sentar praça no exercito realista.

No principio do anno de 1834, era ajudante d'ordens do brigadeiro Paulo Mauritz, cuja columna estacionava então em Oliveira d'Azemeis. Vindo Soares em serviço à villa da Feira, ao passar, acavallo no sito de *Barroco*, freguezia de Paços de Brandão, alli se encontrou com um destacamento de tropas liberaes, que, *à queima roupa* lhe despararam alguns tiros. Como o infeliz não morreu logo, pediu que o deixassem confessar. A resposta foi um tiro em um dos ouvidos, fazendo-lhe saltar os miolos, e deixando estendido na estrada, fugiram, roubando-lhe o cavallo.

Soares Ferreira, era um rapaz de fina educação, e filho de uma familia distincta, alli muito conhecida pela sua honradez e afabilidade, pelo que tão cobarde e feroz assassinato, encheu de horror os povos d'este sitio que consideraram—desde então até hoje—como um santo martyr, o infeliz moço. Construíram immediatamente no proprio logar do crime, uma edícula onde uma alampada se conservava acceza, de dia e de noite.

Foram tantas e tão valiosas esmolas, levadas à capellinha, que com ellas se veio a construir uma formosa ermida, para onde em 1867, foram transferidos os ossos da illustre victima, e onde se tem dito grande numero de missas por alma do finado, que ainda hoje é considerado como santo de grande devoção, e a CAPELLA DO SOARES continúa a ser muito visitada dos fieis, que lhe trazem esmolas e ofertas, que são applicadas em adornos da ermida.

Um distincto pintor estrangeiro, residente em Lisboa, e que, por accaso passou por este sitio, e soube o que deu causa à construção do templozinho, lhe offereceu um bello quadro a óleo, representando esta morte, e que tem sido (o quadro) justamente elogiado por entendedores.

O sr. Manoel Pinto d'Almeida, illustrado e honradissimo proprietario, de Paços de Brandão, foi um dos cavalheiros que mais se distinguia pela sua devoção e generosidade para a construção da ermida.

II

Manoel Antonio Freire Craveiro, capitão de ordenanças, acompanhou o seu rei legitimo até à convenção d'Evora-Monte, regressando depois a sua casa, fiado em que a sua vida estava garantida pelo estipulado n'aquella convenção. Quanto se enganava o infeliz, confiando em protestos liberalinos!

Chegando à sua terra—onde jáms offendera pessoa alguma, teve quem o avisasse de que tentavam assassinarlo, pelo que se viu obrigado a andar escondido, com os seus cinco filhos (*alguns ainda creanças!*...) por espaço quasi de um anno.

Tinha elle um compadre, que lhe devia muitos e valiosos favores, e residia na aldeia das Quintans, freguezia de Ilhavo, por nome Bento Frago, julgando-se Craveiro alli em segurança, pediu ao compadre hospitalidade para elle e seus cinco filhos, o que conseguiu, com apparente cordialidade; porém o infame Frago, esquecido de quanto devia ao seu compadre, foi a Aveiro, denunciar o refugio dos seis realistas.

Veio logo da cidade, uma escolta de tropa, que, cercando a casa do malvado, prendeu os seis infelizes, no dia 19 de maio de 1835, e chegando elles a um sitio chamado *praça da Palha*, alli os assassinou cobarde e barbaramente a tiro, sem lhe fazer a minima impressão, nem os pedidos do pae, que pedia que só o matassem a elle e poupassem seus innocentes filhos, nem os gritos e lagrimas d'estes.

Esta canibalesca e ignobil carnificina, ainda hoje é lembrada com horror algumas leguas em redor do sitio do crime.

Mas, a Divina Providencia, nem sempre guarda para a outra vida, o castigo dos malvados. Um anno depois da traição, foi também o infame Frago assassinado a tiro. *Talis vita, finis ita.*

III

Na manhã de 26 de julho de 1833, soube-se em Peniche, que o conde de Villa-Flor tinha entrado em Lisboa, soldado todos os prezos do Limoeiro e de outras cadeias, que juntos com as tropas liberaes enchiam a Capital de mortes inornes, roubando e incendiando, e commettendo os mais atrozes crimes.

Era governador da praça de Peniche, o marechal de campo graduado, Antonio Feli-

ciano Telles de Castro Apparicio, e linha sob as suas ordens uma repeitavel guarnição, composta da ala esquerda do regimento de infantaria n.º 4—um destacamento de artilheria n.º 1—outro de artifices engenheiros—uma companhia de veteranos—os batalhões de voluntarios realistas de Peniche e Óbidos; e o de Torres Vedras—duas companhias do de Castro Daire—os regimentos de milicias de Coimbra, e Soure—e o regimento de milicias de Lisboa, denominado de *Dom Jorge*—ao todo, 2:000 homens!

A praça, estavam artilhada e os paioes cheios de polvora e balla. Sobre todas estas vantagens, tinha todo o povo da villa a seu favor, porque n'ella não havia—*nem ainda ha*—um unico liberal.

(Continúa.)

PINHO LEAL.

RELIGIÃO

O SNR. NUNCIO

ANTE OS ATAQUES DA IMPRENSA LIBERAL

(Continuado do n.º 53)

XVI

2.º Accusa também os governos preteritos, presentes e futuros por sua fraqueza respeito à nomeação do sr. dr. Ayres de Gouveia, outro apregoador escandaloso, que os liberaes pretendiam impor à Igreja.

Largamente nós temos occupado d'este assumpto, em que hemos evidenciado com o *Tribuna Popular*, órgão liberal puro de Coimbra, que elle é hereje, e com o *Comimbricense* que elle é mação. No logar acima citado este órgão *maçonico liberal-republicano*, 4 linhas antes do nome do *ir. Laménais*, lê-se também:

«Dr. Antonio Ayres de Gouveia (*J. Eurico—C. R.*) : eram pois collegas na mesma loja *Liberdade.*»

O diabo os junctou, elle os queria unir, e no logar mais prejudicial à lei do Senhor, que manda afastar para longe os lobos vorazes.

E é baseado n'estas duas regeições, oppostas tão rasoavelmente, pela S. Sé, que o *Popular* exclama, louco de raiva:

«Mas se os factos assim tem demonstrado que uma parte do mal provem da falta de firmeza dos governos, torna-se indispensavel mudar de caminho. E' mister que todos os partidos dêem as mãos no proposito commum de manter os direitos da soberania portugueza e de fazer respeitar a dignidade nacional.»

Sim, isso é necessario, porque temos andado tanto que já nos julgamos rebaixados com aquillo que nos deveramos reputar por honrados.

Sim, a «*dignidade nacional*» de hoje já se julga offendida com lhe pôrem termo ao commercio dos vendilhões do templo e da dignidade humana ultrajada, levando sua audacia até à impudicia.

Accusam os governos de crimes, e pede-se o castigo para o Nuncio!

Calumnias, atropelais o proprio bom senso «homens corrompidos do coração, reprobos da Fé, que não medraris em vosso caminho; porque se fará manifesta a todos a vossa insipiencia.» (1)

XVII

Deixada a diversão que entrou de fazer, logo ao começo, o *Popular*, vamos ás accusações formuladas no seu 2.º depoimento contra o Sr. Nuncio:

1.º—«O Sr. Nuncio, contra todas as leis divinas e humanas, abusa das suas funcções para locupletar-se á custa da nação, lançando sobre o povo pesadissimos tributos.»

Temos repetição da mesma cantilena do 1.º artigo; ainda estam de pé as nossas observações feitas. (Vid. *Ordem* n.º 416.)

Quaes sam essas leis? Ainda as não citou, talvez pelo receio de ver desfeito o castello de bogalhos com um leve toque da realidade. Uma affirmação tão gratuita nada, nada absolutamente prova. Temos um processo em forma; e as exigencias do fóro sam positivas. Venham as taes leis, para se lavrar a sentença.

Quanto aos «*pezadissimos tributos*» estamos na mesma: ainda se não atreveu a mostrar uma aresta de tão gorda massaroca.

Nós também o queremos conhecer, porque é uma materia de geral interesse. Todos nós sabemos os saltos e assaltos que as gerencias financeiras *progressistas* e *regeneradoras* vam dando a cada um de nós, e quanto trabalham, e lidam, e estudam e

se cançam para converterem Portugal num lastimoso Lazaro; todos sentimos o atroz peso da *ferrea mão tributicia*; a todos ouvimos lamentos do sangue e suor que o fisco arrebatá; mas dos taes «*pezadissimos tributos*» lançados pelo Sr. Nuncio é que nunca tivemos noticia.

Porque os não aponta? porque os não especifica? porque será?

2.º—Não é a curia pontificia que paga ao representante em Lisboa, somos nós que lhe pagamos, a despeito das leis, e tão largamente o fazemos, que o logar de nuncio em Portugal é dos principaes, senão o principal na diplomacia de Roma.»

Remettemos nossos leitores para o que já dissemos sobre o particular, e a que o *Popular* não respondeu ainda.

Um jornal liberal, transcrevendo esta calumniosa accusação acrescenta:

Com franqueza, não comprehendemos este periodo. Como é que somos nós que pagamos ao nuncio apostolico? No orçamento não ha, que saibamos, verba a tal destinada. O *Diario Popular* guarda a tal respeito uma grande reserva. Outras accusações violentas dirige aquella folha ao sr. Masela, dispensando-se de as provar.» (Vid. *Instituições* n.º 303, de 15 de novembro de 1882.)

XVIII

Quanto a ser Portugal considerado «principal na diplomacia de Roma» é verdade no que não sabe dizer, e mentira no que pretende afirmar. E' «*principal*» quanto à consideração em que a S. Sé, pelos serviços d'outros tempos, nos tem; é uma proeminencia de honra, não de ganhos com que sonha sempre o *Popular et reliqua.*

Se a S. Sé nos retirasse essa elevada consideração que ainda nos dispensa, pagando com amor nossa ingratião, aqui d'El-Rei que nos desacata, que affronta o paiz e ataca as prerogativas da corôa. Como, porém, nol-a conserva, aqui d'El-Rei que faz de Portugal um logar principal!

Quos Deus vult perdere...

3.º—Quando o povo tanto soffre, o nuncio ganha para viver luxuosamente, se recostar em fofas carruagens, dar jantares sumptuosos e realizar grande copia de haveres.»

E' uma 2.ª edição da calumniasita, que já abatemos. Temos só a mais os «*jantares opiparos*». Partiria o *Popular* algum dente em lá trincar exquisto manjar? ou serão abridélas de bocca? Isto no supposto de que o Sr. Nuncio desse os taes jantares.

Demais: Não estará o Sr. Nuncio no direito de convidar para jantar em sua casa as pessoas que elle queira? e convidal-as tantas vezes quantas queira? Também isso é crime punido por alguma lei divina ou humana? Desconhece acaso as exigencias do cargo diplomatico que o Sr. Nuncio desempenha?

Se a penna que traçou estas miserias tivera vislumbres de honra e dignidade, nunca chegaria a tão repellentes baixezas! As peças do monstruoso processo bem estam mostrando o furor de odio que consume os accusadores e a falsidade da propria accusação.

Nós, sim, também conhecemos um *puritano* que, em quanto debaixo, nem á decencia chegava; depois no poleiro tinha já «*fofas carruagens*» que o levavam e traziam ao liberal arepago em que se põe em almoeda o «povo que tanto soffre.» Então não vertiam, sequer, as lagrimas de crocodilo.

«Grande copia de haveres». Quaes e quantos sam elles, calumniadores?—Só o silencio nos responde.

A palpito, ao menos, dizeis, cevardes. Que em quanto, infames, o não provardes Jamais vos largaremos, jamais, Pois clara a verdade que occultais Queremos no campo livre da discussão, Para sabermos se falsos sois, ou não.

(Continúa.)

O BEM E O MAL

(Continuado do n.º 50)

Não ser possível fazer todo o bem que se concebe—consequencia forçada dos limites das nossas faculdades, é uma dôr, e, para as almas piedosas, um supplicio. D'este facto tiram alguns espiritos irreflectidos argumento contra a bondade divina, e dizem: Se o homem não podia nascer capaz de fa-

zer todo o bem que imagina, melhor era não ter sido creado

Tornamos a repetir (e fa-lo-emos foidas as vezes que for necessario): o Ser perfeito é infinitamente bom e teria sido mau—o que é contraditorio e absurdo—se tivesse tomado o peor expediente; por tanto, se Elle creou o homem imperfeito, é porque era bom que, mesmo imperfeito, o homem fosse creado. Isto é que não admite duvidas, ainda mesmo quando se não descubra a concordancia das duas verdades que parecem repellir-se.

No entanto, tentemos, ao menos, descobrir no fundo d'esta difficuldade apparentemente nebulosa, o que a nossa razão possa attingir.

Nós somos de natureza finita. O nosso livre arbitro encontra a cada passo obstaculos que o fazem tropeçar, barreiras que não pôde transpor. Esta impotencia afflige-nos, exaspera-nos algumas vezes e outras faz-nos cahir em desanimo. No entanto, á medida que conhecemos melhor os limites das nossas faculdades, soffremos menos; porque cessamos de intentar o que excede as nossas forças e limitamo-nos a emprehender só o que nos é possível levar a effeito.

Francamente, posto que restricto, o campo aberto à nossa actividade não é muito grande ainda? O homem que saiba tirar das suas faculdades todos os recursos de que ellas são susceptiveis, terá razão de lastimar-se por não ser omnipotente? Em summa, o que realisa diariamente tudo o que está na alçada da sua possibilidade, não é mais feliz por que pôde, do que seria infeliz se não podesse? O homem é limitado, é verdade, mas a esta limitabilidade anda inherente uma consolação—a de ser perfeito. Não se deve nunca perder de vista este caracter essencial das nossas faculdades. Depende de nós o desenvolvê-las continuamente; porque a cada esforço que nos impozermos com esse fim, iremos vendo augmentar o nosso poder e portanto diminuir o mal que provém da nossa condição finita.

A nossa livre actividade, limitada como é, se se applica ao que é possível, vê alargar de momento para momento o campo das suas operações. Quando queremos com energia perseverante, o mal particular da vontade diminue, em quanto que o bem d'ella cresce; este é por consequencia superior áquelle e tem em si elementos para uma perfeição progressiva. Succede repetidas vezes ao homem errar completamente o alvo a que mira, como por exemplo, fazer mal, quando o seu fim era, pelo contrario, fazer bem. A sua intenção é innocente, mais ainda, é boa; mas o acto em si é deploravel e as consequencias d'elle fazem-no soffrer cruelmente. Não ha aqui uma grande falta de harmonia na região das coisas moraes?

Examinemos. O que faz mal, tendo o fito no bem, pôde padecer pezares, mas não remorsos; e o remorso é a dôr mais profunda que causa o uzo desgraçado da nossa liberdade. Todavia o pezar é uma pena vivissima, e, em direito, o homem que pratica uma acção má involuntariamente, não merece castigo. O soffrimento do pezar parece por tanto uma grave injustiça.

Assim é, se consideramos o pezar como um castigo; mas o pezar não é senão uma prova um estímulo a redobrar de estudo e de attenção no exercicio da liberdade. Advertido pelo pezar, o homem examina-se e pergunta a si mesmo se procedeu com a devida prudencia. D'ahi por diante é mais circumspecto nas suas acções e conduz-se melhor. As consequencias dolorosas das nossas faltas involuntarias são a lição do nosso facturo e a condição do nosso progresso. Podemos compara-las ás luzes que de noite se accendem proximo dos abysmos para que os viandantes se acutellem. E' verdade que, mesmo redobrando de vigilancia sobre o andamento da sua liberdade, o homem se desvia, frequentemente; mas ao menos consegue enganar-se menos vezes, e não merece exprobração.

Quando não é uma prova, o mal da liberdade é uma expiação, um castigo. O castigo tem uma significação moral sobre a qual o meditar muito é pouco. Um homem bastante intelligente para premeditar uma falta ou mesmo um crime, está também habilitado para prevêêr que será punido ao menos pelo remorso e com toda a probabilidade pelo remorso e pela justiça humana. Sabe portanto a que se arrisca. Não é verdade, que, em nove casos sobre dez, o receio do castigo, da desconsideração, da vergonha, da infamia, é sufficiente a impedir a falta? não é certo que ordinariamente a só perspectiva d'uma existencia envenenada pe-

lo remorso perturba o coração do homem que vai tornar-se criminoso e lhe sustem o braço? Mas isto são estorvos que a Providencia mui de proposito accumula na alma do ser livre e em volta d'elle. Para a pena ainda só prevista, a solicitude divina dispoz um impedimento, um preservativo salutar que torna o mal menos expedito e facil.

Os que têm a desfaçatez de alardear as suas faltas, o que ganhão com isso é desacreditarem-se e corromperem-se inteiramente. Mas assim o querem. Pelo contrario, os que sabem escutar as censuras da sua consciencia, ganhão muito; porque se julgão a si mesmos, e conservando a lembrança da dor que sentiram, tem no futuro um impedimento aos seus maus passos. O castigo que nos vem do exterior, que nos é infligido, quer pela opinião, quer pela sentença dos tribunaes, produz o mesmo effeite sobre aquelles cuja vida moral se não extinguiu ainda de todo. O castigo humano imita o melhor que póde a severidade divina da consciencia. Um e outro são um socorro para a liberdade, a cujos desvarios se oppõe.

Temos ouvido frequentes vezes exprobar ás leis humanas o punirem mais do que corrigem, e esta exprobação é até certo ponto merecida. Muitos culpados sabem das prisões e do degredo peiores do que para alli entrãrão. Esta imperfeição da penalidade está cada vez mais reconhecida e trabalha-se em remediá-la. Ha esperanças de que medidas mais habeis e humanas do que as actuaes tornem os presos melhores. Este pensamento e este trabalho, provão que, no espirito dos amigos da humanidade, o castigo, quando é applicado com o conhecimento da alma do culpado e o desejo de a regenerar, póde reconduzi-la ao bem. Felizes experiencias testemunhão que é possível mesmo regenerá-la nos proprios logares de expiação.

Concluiremos, por tanto, que o mal da liberdade, nas suas multiplices formas, é um mal sem duvida, mas um mal que mira ao bem, a um estado melhor.

A. Semblano.

ESTRANGEIRO

A data em que estamos escrevendo não temos noticia de se achar ainda resolvida a crise suscitada pelas medidas do governo da republica franceza appresentadas ao senado contra os principes das cazas reinantes.

O senado mostrou-se hostil a taes medidas, a commissão dera contra ellas o seu parecer, e o Presidente da republica Mr. Grevy chamara o sr. Ferry para formar novo ministerio.

Dizia-se que Mr. Ferry em presença da attitudo politica das casas parlamentares e do paiz se recusara a organizar novo governo.

Igualmente se fallava em que um senador republicano appresentaria uma proposta de lei em substituição á do Governo, na qual o governo seria autorisado a tomar quaesquer medidas excepcionaes contra todo aquelle cidadão que de qualquer modo attentasse contra a vida de republica.

Esperava-se que na primeira sessão d'esta semana se discutisse este assumpto.

E' d'esta sessão que nos faltam ainda as noticias, que daremos se recebermos a tempo.

A *Agencia Havas*, unica via telegraphica que hoje está enviando para todos os pontos da Europa as noticias dos acontecimentos, *deleita-se* em as desfigurar ao paladar da sua fassiosidade politica, ou dos seus interesses. E' antigo este modo de proceder d'esta Agencia que aliás podia prestar um grande serviço publico se houvesse em suas commnicações maior circumspeção.

Já em 1870 durante a guerra franco-prussianna, já durante a guerra carlista, a *Agencia Havas* foi um excellente correio de lóas e inexactidões, que pôz em confusão todos os espiritos, e adulterou a verdade historica dos factos. Em 1870 careceu a nossa imprensa de sollicitar do governo e dar embaixada, os seus telegrammas para orientar o publico de muitas verdades contra o que dizia a *Agencia Havas*.

Agora começa a imprensa seria a reclamar já contra as noticias transmittidas por aquella agencia, e á por de sobreaviso os seus leitores relativamente a taes noticias.

Ainda ha dias nos dizia aquella *Agencia* «que o sr. Conde de Chambord se achava enfermo.» Toda a imprensa legitimista franceza protestou contra esta noticia asseverando ser excellente o estado de saude de Henrique V.

Note-se ainda, que esta noticia da *Agencia Havas* coincidio com os acontecimentos do parlamento francez, e que por isto denotou o fim occulto de sobresaltar os espiritos legitimistas, que no estado politico da republica vê uma esperança segura do triumpho da monarchia tradicional.

Outra noticia transmittio ha dias a mesma *Agencia Havas*, que foi reproduzida pela nossa imprensa liberal.

Esta noticia é nada menos do que ter o sr. Conde de Chambord dirigido de Goritz ao seu lugar tenente, o general Charette uma carta da qual extrahia os seguintes periodos:

Aquelle que ama a sua patria deve desejar que o solo não trema sob o choque da guerra civil.

«Creio do meu dever repetir-vos estas palavras de Luiz XVIII dirigidas a vosso illustre e heroico avô:

«É da maior importancia que por seus esforços tem de ser o segundo fundador da monarchia, proceda de harmonia com aquelle que pelo seu nascimento é chamado a governá-la.»

Esta carta, a ser verdadeira, teria uma significação altamente importante nas actuaes circumstancias. Fora a sua invenção primitiva do jornal *Tagblatt*, de Trieste. A *Agencia Havas* aproveitou-a evidentemente com um fim capcioso.—O organo official legitimista de Paris, e toda a imprensa legitimista nega formalmente a existencia de semelhante carta.

Dá-se a maior importancia a uma conferencia, que teve no dia 3 do corrente o sr. D. Carlos VII, de Hespanha, com o sr. Conde de Chambord, em Goritz. Guarda-se a mais completa reserva sobre o assumpto mysterioso d'esta fentrevista, para a qual o sr. D. Carlos foi expressamente de Italia a Goritz. A folha official do sr. D. Carlos, em Madrid, *El Siglo Futuro*, limita-se a dar a noticia de primeira mão, sem commentario nem esclarecimento algum.

O governo da republica mandou levantar processo contra grande numero de officiaes e soldados da guarnição de Montpellier, que em numero de 400 assistiram ha dias a uma reunião legitimista n'aquella cidade. A imprensa legitimista diz que fapeisar de se achar n'aquella reunião grande numero de legitimistas de todas as classes gerarchias, ella tinha um caracter puramente recreativo, e portanto que o procedimento contra aquelles 400 militares é apenas uma exhorbitancia do medo do governo.

POT DATA

Eis as noticias recebidas ultimamente da sessão a que nos referimos acima.

«No Senado, Déves declarou ao governo que abandonava o projecto approved pela camara dos deputados e que aceitava o contra projecto de Carbey, o qual dispõe que o presidente da republica, ouvido o conselho de ministros, poderá expulsar de France, por meio de um decreto, os principes cujas manifestações ou actos sejam de natureza a comprometter a segurança do estado.

O contra-projecto Crabej foi rejeitado por 148 votos contra 132.

O artigo 1.º do projecto do governo foi em seguida rejeitado por 172 votos contra 89.

Por fim o Senado approvou por 165 votos contra 127 o contra-projecto Waddington dispondo que sejam punidos com o exilio os principes que pratiquem qualquer acto por que pertendam haver o trono e façam alguma manifestação tendente a attentar contra a segurança do estado. O processo será julgado perante o juri ou senado.

A demissão do ministerio espera portanto pelo resultado da sessão de segunda feira proxima.

NOTICIARIO

Boa nova.—Para trazeremos com mais exactidão informados os nossos assignantes das importantes noticias dos acontecimentos politicos da Franca, estamos tratando de estabelecer em Paris um nosso correspondente particular. É possível que no proximo numero publiquemos já a sua primeira carta, ou telegrammas que nos forem remetidos.

A Cezar o que é de Cezar.—O nosso estimavel collega e correligionario do *Echo de Portugal*, referindo-se ao *Commercio do Minho* atribue ao nosso chorado amigo José Maria Dias da Costa, fundador do Commercio, a fundação do antigo jornal legitimista—*O Futuro*—e cre' que o *Commercio do Minho* veio substituir este jornal.

Isto não é assim, e perdoe-nos o collega que rectificamos.

Quando nasceu o *Futuro* já existia o *Commercio do Minho*. O *Futuro* foi creado pela commissão da mocidade legitimista que hoje publica a *Cruz e a Espada*. Se algum jornal lvesse de representar o *Futuro*, seria o nosso e nehum outro.

Veritas super omnia

A Sr.ª Camara.—Prevenimos em o n.º passado esta nossa excelça para que examinasse uma casa na Travessa de D. Gualdim que se achava em estado de ruina; mas, s. ex.ª não se dignou ouvir nossos rogos, eporisso na 5.ª feira, pelo meio dia, desabaram parte d'aquellas ruinas e, por um triz, não ficaram sepultados os seus habitadores.

Que zelo pelos municipes! deixa-os morrer debaixo de derrocadas e velhas paredes e entulho, e depois mandal-os para o Cemiterio no carro da casa!

A mesma sr.ª Camara.—É um escandalo, é uma vergonha ver o estado em que se acha a rua de D. Frei Caetano Brandão, que devia ser uma das primeiras da cidade, porque prende com a da Sé, e tem de seguir até ao largo de Saato Agostinho.

É um escandalo, porque, gastando-se uma porção de contos de reis, vê-se logo na sua entrada um recanto que serve para mi-jadeiro, encruzilhada de larapios e garotagem; fazendo estes ali o seu reducto todos os domingos e dias santos, com diversos jogos e divertimentos indecentes que offendem a moral publica e toda aquella visnhança—sem ao menos a policia os incommodar. A antiga rua das Chagas que desapareceu em parte, fica-lhe fronteira com seus costellados e mórros de pedras collocados de tal ordem, que parece a rua do Pae Amante, passando ali os grossos enxurros a descoberto até que dão entrada no boeiro que ha na mesma rua, escavando na sua passagem tudo quanto encontra.

E' uma vergonha, por que, abrindo-se uma rua nova, está ella ao maior abandono deixando-se ali fazer cantos e recantos, cobertos de carros, muros e outras obras, dignas da aldeia de Paes Pires.

A illuminação, consta de um lampião no principio e outro no fim.

Não era melhor, visto o estado vergonhoso d'aquella rua, deixar existir a antiga rua Verde e rua das Chagas?

O ministerio em crise.—Dizem os ultimos telegemas de Lisboa.

Correm insistentes hoatos de crise ministerial por causa do conflicto do Sr. Nuncio. Dizem que sairá o sr. Julio de Vilhena, por não transgír n'esta questão, nem acerca do arcebispo de Braga.

Consta que estão mallogradas as negociações para a formação do sindicato atim de explorar as obrigações de 5 por cento hypothecario.

Ao sr. Commisario de policia.—Na rua do Salvador, por falta de ser policiada de noite, praticão-se ali as scenas mais indecentes e desavergonhadas, que se pôdem imaginar encomodão os seus moradores, principalmente nas altas horas da noite com palavões e algazarras proprias de um vilhacouto infernal. Pedimos providencias.

Valiosa offerta.—Fomos brindados por um nosso amigo, que se escondeu pela sua modestia no gabinete dos anonyms—com uma pequena peça de artilharia, que foi tomada aos francezes no ataque do Vimieiro—pelo corpo de policia do Porto.

E' uma recordação historica para nós de grande merecimento, ainda mais do que fosse *traste de prata* ou de *qualquer* outro metal precioso.

Agradecemos o maravilhoso presente, assim como as phrases aprimoradas e cheias d'amor patrio que nos dirigiu o nosso amigo pelo desenvolvimento da nossa causa.

A vante mancebos.

Historia verdadeira da Inquisição.—Recebemos o 6.º fasciculo d'esta maravilhosa obra, editada pelo nosso presado amigo o sr. Teixeira de Freitas, da cidade de Guimarães.

Preço 300 rs. Agradecemos ao encaçavel editor catholico tão valiosa offerta.

Recordações e impressões de viagem.—Acaba de ser publicado o segundo d'esta obra de que é auctor o sr. João B. de Freitas Leal.

É uma narrativa tão circustanciada da sua viagem á Franca, como não vimos outra mais completa, especialmente pelo que respeita á formosa Paris. Ali se descrevem com rigorosa minuciosidades as suas principaes notabilidades, os templos e palacios magestosos, as grandes fabricas os passeios, institutos, accademias etc.

Mereceu-nos especial' attenção o cap. XV que se refere mais particularmente ás *Obras de S. Vicente de Paula*, por termos a satisfação de ver instituida entre nós uma das suas Conferencias, que tão bellos fructos tem produzido em favor dos infelizes.

Em toda a obra se revella os profundos sentimentos religiosos do auctor e por isso a recomendamos aos nossos leitores que pela modica quantia de 300 reis, preço d'este volume, podem fazer uma viagem á capital da Franca, sem sair do lado do fogão, n'estas implacaveis noites de inverno.

Agradecemos a remessa do 2.º volume que nos foi enviado e aqui consignamos o desejo de possuir tambem o primeiro se isto não parecer importuno ao illustrado auctor.

Fallecimentos.—Falleceu na quinta feira já d'avanzada idade o sr. Luiz d'Azevedo, antigo pharmaceutico, morador no campo de Sant'Anna, conhecido geralmente por Luiz Boticario.

Era um caracter honesto, de boa critica e por isso muito estimado e respeitado n'esta cidade.

Fez testamento e deixou por herdeiro o seu praticante que vivia com elle á muitos annos, a quem damos sentidos pezames.

Outro.—Tambem se finou o sr. Gonçalves Crespos, pae do conhecido poeta do mesmo nome, era morador no Campo de nossa Senhora Abranca, sentimos o seu passamento.

Jornal de Agricultura.—Recebemos a visita d'esta publicação quizenal illustrada, —destinada aos lavradores portuguezes, sendo o seu redactor principal o Exm.º Sr. Alves Fôrgo Junior, agronomo veterinario militar.

E' um importante jornal, e porisso digno de ser lido por os nossos amadores da agricultura, a primeira alavanca do nosso paiz,

Redacção e administração, Campo dos Martyres da Patria 132 Porto. Preço por anno 2\$400 reis.

Agradecemos.

Ultimas noticias de Franca—Paris, 14.—A commissão da casa dos deputados rejeitou unanimemente a discussão o projecto Waddington, approved pelo Senado.

Tambem rejeitou por 6 votos contra 5 a proposta de Barbey.

Seguidamente approvou por 5 votos contra 4 a primeira proposta de Floquet, nomeando relator Marion.

PARIS, 14.—Realizou-se a conferencia de Freycinet com o presidente da republica, que não lhe fez offerta alguma ou encargo para formar novo gabinete.

E' provavel que Grévy consulte os presidentes da camara e do senado.

O gabinete actual, ainda que demissionario, parece que se conservará nas suas funções mais alguns dias.

Grévy recebeu hoje de manhã a delegação dos commerciantes e industriaes, a qual chamou a attenção do presidente da republica para a situação critica que produz a frequencia das crises ministeriaes.

NEW-YORK, 14.—A inundação fez 50 victimas, na gare de Cincinnati.

PARIS, 15.—O presidente da Republica conferenciou com o presidente da camara dos deputados.

Grévy conferenciou tambem com o sr. Royer e outros membros influentes do senado e camara dos deputados. Rejeitaram a proposta de Floquet, accetando a de Barbey. A maioria da camara está em desacordo com a maioria da commissão a respeito da lei dos principes.

Catastrofe.—As sete officinas que formavam a fabrica de dinamita de Point-Clement, perto de West Berkeley (S. Francisco da California), foram pelos ares em consequencia de uma explosão de oito toneladas d'aquella substancia.

Morretam 40 empregados e ficaram 60 feridos. Todas as casas, no raio de 1 kilometro, foram destruidas. Algumas outras, dos arredores, estão convertidas em hospitaes para tratamento dos feridos.

Caramba!—O nosso amavel collega do *Jornal de Famalicao* abispinou-se com a nossa folgasona local,—*mais um inimigo*,—publicada no n.º passado, e que respondia ao seu formoso artigo sobre os *centros legi-*

timistas, producto da elegante penna do sr. E. C., que é, a nosso modo de ver republicano dos quatro costados.

Diz no seu aranzel o nosso doce collega, que não impugnamos a serio a doutrina do delicioso artigo, e diz bem, e muito bem, repetimos nós também—por que, os centros legitimistas não passam de uns focos de mineraes, e bem podem, quando mal se pense, produzir uma erupção volcanica, que leve deante de sua lava terrivel todo esse edificio architectado pela gente do Mindello, que foi a peór praga que cahiu no nosso pobre Portugal. E quer o collega que tomássemos a coisa a serio!

Ora essa?
E como queria o claro collega que qualificássemos a erudicção do encantador artigo sobre os centros legitimistas, senão por uma verdadeira *queixotada* de espada em punho, batendo-se como um leão contra os moinhos de vento—que são outros tantos inimigos quantos os centros legitimistas? Pelo amor de Deus collega. Essa materia para se discutir já é impertinente de mais, e não podemos perder tempo e espaço com velharias, que não merecem as honras de discussão—porque já o tem sido mil e uma vez, senão consulte o sr. Joaquim Martins de Carvalho e Compaubia. *Vade retro.*

Quanto ao Conde de Basto—Córtes de Lamego, Bispo do Suajo—etc. etc., respondemos; que o collega é d'uma tal ingenuidade, e d'uma alvura tão pronunciada que, se lhe poizasse a mais pequena mosca, seria isso bastante para perder o seu brilho natural. Nem tanto collega.

Empreguemos o tempo em questões de importancia—e deixemos de anachronismos—que são massadas amarelladas e sedicças. Vida nova collega deixe-se de velharias.

Queremos liberdade á portugueza, e não a que nos trouxe o 1.º imperador do Brazil, que foi enxertada na figueira do diabo, assim como a dynastia que a mesma liberdade representa.

Mas o collega, segundo a conclusão que tiramos da sua imparcialidade politica, pertence mais á monarchia dos Arriagas, e á religião dos Guilhermes Dias, do que áquelle diz pertencer.

Temos dito.
Susto!—Vão ser transferidos pelo ministro da guerra da republica a maior parte dos generaes e commandantes de corpos da guarnição de Pariz.

Por força.—Corre em Pariz, por que o affirmam os jornaes do governo, que seja qual fór a resolução do Senado relativamente á proposta de lei de expulsão dos principes das casas reinantes, o governo submeterá á assignatura do Presidente da Republica um decreto passando á inatividade de todos os principes da casa Orleans, que pertencem ao exercito.

O exercito em França.—Lavra grande desanimo e desgosto no exercito francez pelas medidas de excepção propostas pelo governo contra os principes das casas reinantes.

O jornal—*Le Pariz Midi* conta o seguinte: «O general Gallife em uma conversação com outros, consta que se expressára do seguinte modo:

«Oh! Deus! Eu era Gambettista. Este era o homem Inteligente da quadilha; porém, morto elle, estou com a grande maioria do exercito, sem vinculo nem predilecção politica.

«Mas não esquecaes que digo; se se procede em consequencia do projecto de expulsão dos principes estaremos cincoenta generaes, com a espada na mão em Chantilly.»

Meditações para todos os dias do anno.—Recebemos o 6.º volume das *Meditações para todos os dias do anno* por M. Hamon traducção editada pelo sr. E. Chardron.

Os que desejam saber o que é a vida christã e seguir a Christo como seu modelo tem ali todos os dias uma lição e um incitamento. A mente do auctor, segundo elle mesmo diz é fasermos comparar o que somos com o que devemos ser para deduzirmos como consequencia a reforma da nossa vida. Para isto dá um curso de meditações breves para todos os dias e junta-lhe os mais salutaes conselhos e maximas evangelicas.

Agradecemos tantos obsequios á illustrada casa editora.

OS NOSSOS ASSIGNANTES DAS PROVINCIAS

Está a findar um anno que o nosso jornal viu a luz da pu-

blicidade, e, como desejamos regularisar a escripturação do mesmo jornal, pedimos aos senhores assignantes que estão em divida, a fineza de mandarem satisfazer suas assignaturas até ao dia 29 do corrente mez de janeiro, pois, resolvemos suspender a remessa da *Cruz e a Espada* a todos aquelles que não mandarem satisfazer.

O nosso jornal vive sómente do favor de seus bons assignantes.

Á CARIDADE PUBLICA

Maria das Dores, moradora nos Granjinhos, n.º 11, desta cidade, acha-se entrévada desde á muito na cama, sem meios alguns de subsistencia com que possa alimentar se, e prestes a perecer á fome e miseria; pede-se aos bem-feitores que lhe acudam com suas esmolaz; pois é sem duvida um acto dos mais humanitarios que o coração verdadeiramente religioso pode fazer.

ANNUNCIOS

Arrematação

No dia deoito do corrente, pelas dez horas da manhã, á porta da salla do tribunal judicial d'esta cidade, situado no largo de Santo Agostinho, tem novamente d'andar em praça, segundo a deliberação do respectivo Conselho de familia e interessados, e no inventario de menores a que se procede por morte de Manoel Fernandes Duarte, morador que foi n'esta cidade, a seguinte propriedade immobiliaria: uma morada de casas de dous andares, com quintal, designada pelo numero policial 4 a 4 C, sita no Campo dos Remedios d'esta cidade, de natureza allodial, parte do nascente com o Campo dos Remedios, poente com predio de Manoel Ignacio, norte com dito do abbade de Lamaçaes e sul com predio numero tres pertencente ao hospital de S. Marcos d'esta cidade e com a rua dos Falcões, avaliada na quantia de dous contos e quinhentos mil reis e entra em praça pela quantia de um conto e quinhentos mil reis. Peló presente são tambem citados todos os individuos e credores incertos que se julgarem com algum direito á propriedade a arrematar, para ficarem scientes do dia, hora e local na arrematação e deduzirem seus direitos, pena de revelia. Da certidão da respectiva Conservatoria consta que os onus e hypothecas que pezam sobre a mesma propriedade são: um conto de reis de que é credor Manoel Marques da Silva Pereira, da rua de S. Geraldo d'esta cidade; duzentos mil reis, resto de maior quantia de que é credora D. Thereza Emilia Fernandes Calheiros, da rua do Carvalhal d'esta cidade, e, finalmente, quatro centos sessenta e dous mil cento cincoenta e cinco reis a João Antonio da Cruz, da rua da Oliveira d'esta cidade.

Braga 12 de Fevereiro de 1883.

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito,
Adriano Carneiro de Sampaio.
O Escrivão

José Clodomiro Telles da Silva Menezes.

No dia 18 do corrente, ás dez horas da manhã, na Quinta de São Vicente

desta cidade, pertencente ao exm.º sr. Grade; se tem de expor á venda uma porção de madeira de castanho de diferentes qualidades e bem assim castanheiros; quem pretender pode comparecer.

Precisa-se de um rapaz de 12 a 14 annos que saiba ler, escrever e contar, para negocio de armação e cera.
Trata-se n'esta redacção.

Companhia Geral Bracarense

O dividendo do anno de 1882, á razão de 6 por cento ou 1\$500 reis por acção, começa a pagar-se no dia 8 de fevereiro proximo facturo, em todos os dias não sanctificados, desde as 10 horas da manhã até á uma da tarde, no escriptorio da Companhia, e no Porto em casa do illm.º sr. José Martins Fernandes Guimarães, rua do Almada n.º 82.
Braga 29 de Janeiro de 1883.

A DIRECCÃO

José Ferreira de Magalhães
Antonio José Pereira Veiga.

Nova Caza Penhorista Bracarense

9, RUA DOS SAPATEIROS, 9
Previne os seus freguezes que estejam em debito de mais de 3 mezes de juros, a virem satisfazel-os, do contrario serão vendidos os penhores como melhor convier ao estabelecimento.
Na mesma caza se vende relógios de prata, roupas e diversos objectos, assim como uma machina de costura; e cotinua e emprestar dinheiro sobre ouro, prata e roupas. Juro modico.

MEDITAÇÕES

PARA TODOS OS DIAS DO ANNO

POR

M. HAMON

TRADUZIDAS

Da decima terceira edição Franceza

POR

FRANCISCO LUIZ DE SEABRA

Parocho de Cacia

Tomo 1.º—Desde o 1.º domingo do Advento até ao domingo da Septuagesima.

Tomo 2.º—Desde a Septuagesima até ao 3.º domingo depois do Advento.

Tomo 3.º—Desde o 3.º domingo depois da Parchoa até ao 8.º domingo depois do Pentecostes.

Tomo 4.º—Desde o 8.º domingo até ao 17.º depois do Pentecostes.

Tomo 5.º—Desde o 17.º domingo depois do Pentecostes até ao Advento.

Tomo 6.º e ultimo—Sobre os santos, cujas festas tem dias fixos.

a obra completa (6 volumes, 3\$000 reis) será enviada franca de porte a quem remetter a sua importancia em vales do correio ao Editor Ernesto Chardron—Porto.

Publicações feitas em 1882 pela livraria Religiosa e scientifica de J. J. Mesquita Pimentel

51, RUA DE D. PEDRO, 53—PORTO.

O marquez de pombal cem annos depois da sua morte, por Francisco d'Azevedo Teixeira d'Aguiar, Conde de Samodães, 1. vol. primorosamente impresso, 600 réis.

O triumpho da verdade e do direito, ou a expulsão dos jesuitas de suas casas de França, em 30 de junho de 1880, traducção em portuguez por A. L. F., 1 vol. 200 réis

O zelo da perfeição religiosa, meios de o excitar augmentar e conservar, pelo padre Joseph Bayma, obra vertida do latim em francez pelo padre Pedro Olivaint, da companhia de Jesus, assassinado por odio á religião em 26 de maio de 1871 na rua Haxo, em Belleville, e em vulgar por Antonio Mesquita, 1 vol. brochado 300 réis., encadernado 400 réis.

A situação do Papa e a ultima palavra sobre a questão romana, versão do francez

por Antonio Mesquita. Acompanhada da auctorisação competente e d'uma carta dirigida ao traductor por Monsenhor Rebello de Menezes dignissimo Vice-Reitor ao Seminario Archiepiscopal de Braga, Prelado Domestico de Sua Santidade, Capellão honorario «extra urbem» etc. etc, 1 vol. 200 réis.

Urgente necessidade d'uma cruzada para a libertação do Summo Pontifice, por D. José Maria Carulla, advogado do illustre collegio de Madrid e director da Civilisação, traducção portugueza por Antonio Mesquita, 1 vol. 400 réis.

No prelo:—CONEGO BARTH.—Motivos da minha fé religiosa obra approvada e recommendada por dez Prelados e traducida do original, prefaciada e annotada pelo Conde de Samodães, constará d'um vol. de 300 e tantas paginas estará á venda por todo o mez de fevereiro proximo.

J. J. Mesquita Pimentel

Livreiro—Editor

Porto—51, Rua de D. Pedro, 53—Porto

NO PRÉLO:

CONEGO BARTHE

MOTIVOS

DA

MINHA FÉ RELIGIOSA

Obra recommendada por dez prelados traduzida do original, prefaciada e annotada PELO

Conde de Samodães

INDICE

Algumas palavras do traductor.—Declaração do auctor.—Prologo.—Capitulo preliminar.

Primeira parte

Veda-me a razão que eu adhiro a algum dos systemas anti-catholicos?

Capitulo I. Atheismo.—II. Pantheismo.—III. Materialismo.—IV. Darwinismo.—V. Positivismo.—VI. Fatalismo.—VII. Scepticismo religioso.—VIII. Livre pensamento ou liberalismo em materia de religião.—IX. Moral independente.—X. Deismo.—XI. Indifferentismo em materia de religião.—XII. Protestantismo.—Appendice.—Conclusão accipitulativa da Primeira Parte.

Segunda Parte

Permittir-me-ha a razão que eu adhiro á doutrina catholica?

Capitulo I. Considerações geraes sobre os dogmas do catholicismo.—II. Trindade.—III. Encarnação.—IV. Redempção.—V. Eucharistia.—VI. Inferno.—VII. Ordem sobrenatural.—VIII. Peccado original.—IX. Necessidade do baptismo para a salvação.—X. Predestinação.—XI. Resurreição dos corpos.—XII. Progresso e identidade da doutrina catholica.—XIII. Infalibilidade da doutrina do Catholicismo.—XIV. Dependencia da razão com referencia á fé.—XV. Fóra da Igreja não ha salvação.—XVI. Obrigações.—Conclusão da segunda parte.

Terceira Parte

Obrigar-me-ha a razão a ser catholico

Capitulo I. Prova indirecta da divindade do catholicismo pelo conjuncto dos caracteres exclusivos que o distinguem e denotam uma origem divina.—II. Prova indirecta da divindade do catholicismo pelo conjuncto dos caracteres exclusivos que o distinguem e que denotam uma origem divina.—III. Provas directas da divindade do catholicismo.—IV. Provas directas.—V. Provas directas.—Epilogo.

Constará d'um vol. de perto de 400 paginas nitidamente impresso, e custará a modica quantia de 600 réis.

PORTO

51—RUA DE D. PEDRO—53

Livraria Mesquita Pimentel

Acaba de sahir á luz:

JESUS AO CORAÇÃO DO JOVEM

PELO

M. P. D. José Zama Mellini

Livro approvado e recommendado pelo Exm.º Sr. Cardeal Bispo do Porto. 1 vol. de 240 paginas 100 réis.

51, Rua de D. Pedro, 53—Porto.

Typ. Lealdade—Rua de Janno n.º 1